

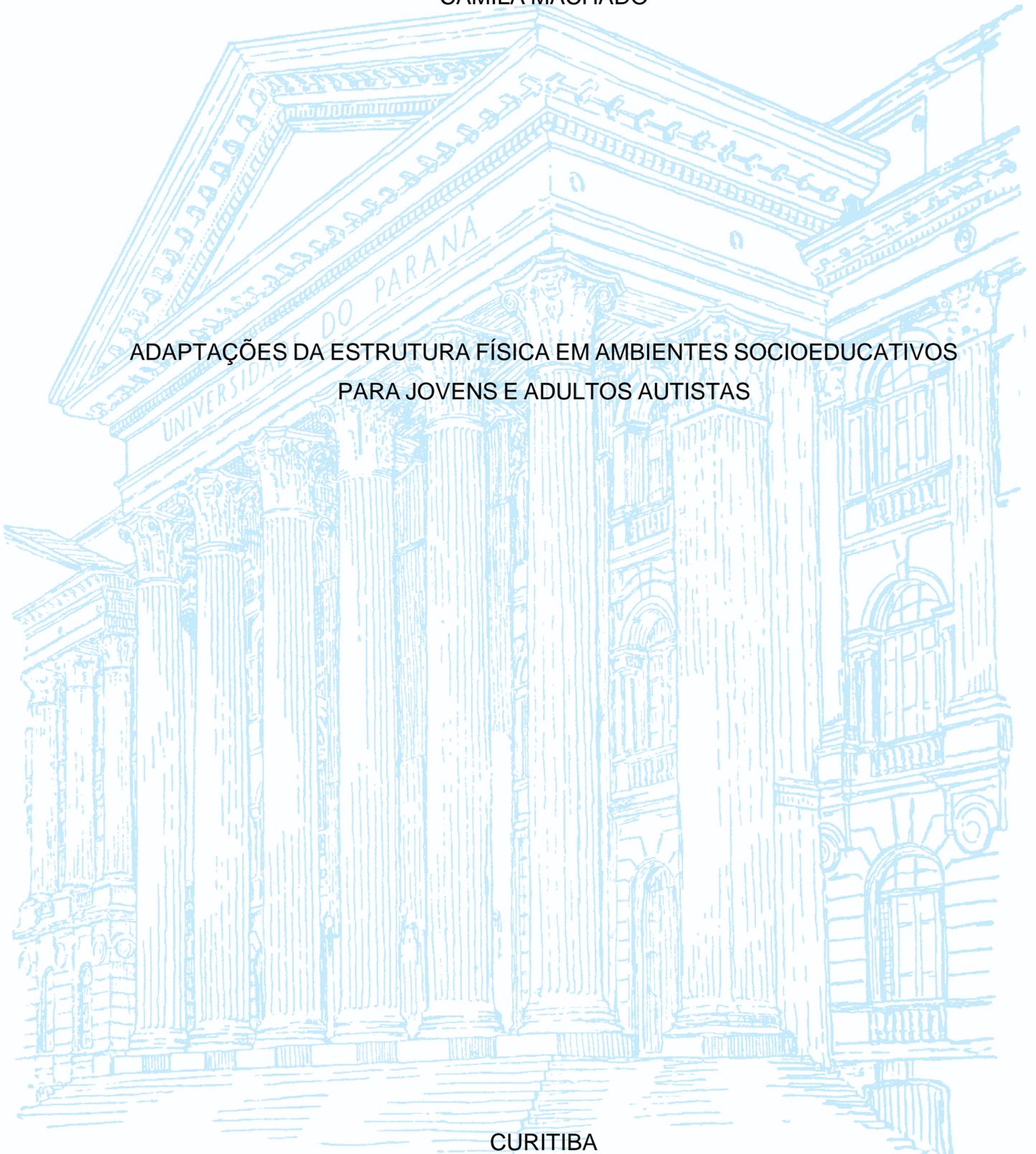
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA MACHADO

ADAPTAÇÕES DA ESTRUTURA FÍSICA EM AMBIENTES SOCIOEDUCATIVOS  
PARA JOVENS E ADULTOS AUTISTAS

CURITIBA

2023



CAMILA MACHADO

ADAPTAÇÕES DA ESTRUTURA FÍSICA EM AMBIENTES SOCIOEDUCATIVOS  
PARA JOVENS E ADULTOS AUTISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fatima Joaquim Minetto

CURITIBA

2023

Dedico este trabalho à minha família, que me deu todo o apoio durante toda a trajetória que me trouxe até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que me deu todo o apoio durante a realização do meu trabalho.

Aos meus amigos, que me incentivaram a buscar um tema que fosse importante para mim.

Ao Coletivo Stim, que não só me proporcionou uma comunidade, como também foi uma fonte de inspiração para este trabalho.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Minetto, Thaís e Paula por todo o apoio e paciência durante essa trajetória.

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento cuja prevalência vem aumentando nos últimos anos. Com o aumento do número de diagnósticos e a implementação de novas leis que garantem os direitos desses indivíduos, muitos autistas agora chegam à idade adulta com novas oportunidades de experiências. Com base nisso, o presente estudo busca identificar as demandas de adaptações quanto à estrutura física dos diferentes espaços frequentados por essa população a partir de uma pesquisa quantitativa e transversal, com a coleta de dados realizada por meio de um questionário disponibilizado online na plataforma KoboToolBox. Participaram da pesquisa 18 adultos autistas, com idades variando entre 17 e 58 anos, vindos de diferentes contextos profissionais e de escolaridade. Os resultados indicaram que 15 participantes passaram por situações de desconforto com relação à estrutura física dos espaços frequentados, e outros dois afirmaram sentirem desconforto em determinadas situações, mas sem saber dizer o porquê. Os espaços socioeducativos mais frequentados pelos participantes são universidades, frequentadas por 17 dos participantes, shoppings e espaços culturais, ambos frequentados por 14 participantes cada. Os participantes apontaram a necessidade de adaptações no que diz respeito à iluminação, à acústica e ruídos, bem como à aglomeração de pessoas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Acessibilidade. Adaptações de espaços.

## **ABSTRACT**

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a developmental disorder that has increased in prevalence over the years. With the boost in the number of diagnoses and the implementation of new laws and regulations guaranteeing the rights of these individuals, numerous autistic people are now reaching adulthood with new opportunities for different experiences. Therefore, this study seeks to identify the demands for adaptations regarding the physical structure of the different environments frequented by this population, through a quantitative and cross-sectional survey, with data collected by a questionnaire made available online on the KoboToolBox platform. Eighteen autistic adults took part in the survey, aged between 17 and 58, coming from different professional and educational backgrounds. Among these, 15 participants claimed to have already experienced discomfort due to the physical structure of the places they visited, and another 2 said they have felt discomfort in certain situations, but couldn't tell why. The socio-educational spaces most frequented by the participants are universities, attended by 17 of them, shopping malls and cultural spaces, both frequented by 14 participants each. The participants indicated the need for adaptations related to lighting, acoustics and noise, as well as the agglomeration of people.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Accessibility. Space adaptations.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 - LOCAIS FREQUENTADOS	13
GRÁFICO 2 - SITUAÇÕES DE DESCONFORTO	14
GRÁFICO 3 - MOTIVOS DO DESCONFORTO	15
GRÁFICO 4 - ADAPTAÇÕES	16

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - PARTICIPANTES	10
--------------------------	----

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ASPECTSS™- *Acoustics, Spatial Sequencing, Escape, Compartmentalisation, Transition, Sensory Zoning and Safety*

CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

CDC - *Centers for Disease Control and Prevention*

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

PECS - *Picture Exchange Communication System*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UFPR - Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	1
1.2 OBJETIVOS .....	3
1.2.1 Objetivo geral.....	3
1.2.2 Objetivos específicos.....	3
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>4</b>
2.1 DEFINIÇÃO .....	4
2.2 ARQUITETURA SENSÍVEL.....	5
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	<b>8</b>
3.1 INSTRUMENTOS .....	8
3.2 LOCAL .....	9
3.3 PARTICIPANTES.....	9
3.4 PROCEDIMENTOS .....	12
3.5 ANÁLISE DE DADOS .....	12
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>17</b>
5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS .....	188
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>199</b>
<b>APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>222</b>
<b>APÊNDICE 2 – INSTRUMENTO DE PESQUISA: DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS</b> .....	<b>254</b>
<b>APÊNDICE 3 – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ADAPTAÇÕES DO ESPAÇO FÍSICO</b> .....	<b>255</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na linguagem e comunicação social, rigidez e intensidade de interesses, bem como padrões repetitivos de comportamento (APA, 2013).

Quanto ao número de pessoas autistas no Brasil, são usadas estimativas com base nos dados coletados pelo CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*) dos Estados Unidos da América. Segundo a organização, a prevalência do TEA nesta população passou de 1 a cada 59 crianças em 2014, para 1 a cada 36 crianças em 2020. No Brasil, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ofereceu adaptações na prova para 6.044 autistas no ano de 2023 (INEP, 2023), sendo este número significativamente maior do que os 3.031 em 2022 (INEP, 2023). Esses números indicam a chegada de autistas na adolescência e idade adulta, uma vez que essas são as características do público que realiza o exame. Segundo Aguilar e Rauli (2020), o aumento do número de diagnósticos de TEA, bem como novas políticas de inclusão da educação, levaram a um aumento do acesso dessa população ao ensino superior.

Atualmente, no Brasil, com o aumento do número de diagnósticos de autismo, bem como os diagnósticos tardios derivados do maior volume de pesquisas neste campo, muitos desses indivíduos agora na idade adulta saem da invisibilidade e prevalecem em ambientes socioeducativos como protagonistas (Mostafa, 2022). A prevalência deste diagnóstico vêm aumentando, e estudos indicam que esta mudança está relacionada ao maior número de pesquisas na área, melhorias no acesso a profissionais qualificados, bem como um melhor entendimento do que de fato é o TEA (Fombonne, 2009). Com isso, percebe-se uma maior demanda de recursos de acessibilidade voltados aos autistas na idade adulta (Silva; Moreira, 2022)

De acordo com a legislação brasileira, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, instituído pela Lei Berenice Piana, Nº 12.764/2012, decreta como direitos desta população, entre outros: a educação, o lazer, a vida digna, o desenvolvimento da personalidade, bem como acesso ao atendimento de saúde, à educação e ao mercado de trabalho (Brasil, 2012).

Para que as pessoas autistas também tenham acesso a essas vivências de forma saudável e positiva, é importante que esses espaços pensem em suas necessidades, promovendo a acessibilidade a essa população em qualquer faixa etária.

Quando se fala em acessibilidade no autismo, há uma ampla variedade de áreas a serem abordadas, considerando que se trata de um espectro que afeta as pessoas de diversas maneiras e em diferentes aspectos (Rasmussen; Silva; Neix, 2021). A partir dos critérios diagnósticos do DSM-5 (APA, 2013), os campos da linguagem, da comunicação, da coordenação motora, do processamento sensorial e das funções executivas são alguns deles. Como propõem Doherty, McCowan e Shaw (2023), é importante pensar em um ambiente acessível para pessoas autistas com base nos seguintes itens: necessidades sensoriais, previsibilidade, aceitação, comunicação e empatia.

As acomodações devem não só permitir a igualdade no acesso, mas também na qualidade da experiência do indivíduo na atividade ou espaço em questão, pois, como afirma Mostafa (2022), todos têm o direito de frequentar espaços de modo confortável, seguro e eficaz.

Alguns dos recursos já encontrados em determinados ambientes, ou disponíveis em estabelecimentos especializados, são recursos visuais, recursos de estímulo ou regulação sensorial, histórias sociais, entre outros, que serão descritos a seguir, de acordo com o contexto do local.

Os recursos visuais são embasados na necessidade de um material mais concreto para as pessoas autistas, auxiliando no aprendizado e na compreensão dos instrumentos, uma vez que grande parte das pessoas com TEA sentem dificuldades com conceitos abstratos (Rasmussen; Silva; Neix, 2021). Podem fazer referência a uma tarefa específica, à rotina diária, cronogramas, entre outras possibilidades (National Autism Society, 2020). Essas ferramentas podem ajudar a manter uma rotina estruturada, incentivar a independência do indivíduo em determinadas situações, evitar momentos de frustração e ansiedade, entre outros benefícios. As ferramentas, as imagens e os itens usados podem ser alterados de acordo com a necessidade de cada um (Gonçalves, 2017).

As histórias sociais, por sua vez, criadas por Carol Grey (1990), são uma forma de apresentar um conceito, habilidade ou contexto à pessoa autista. É um

material criado para cada indivíduo com o uso de ilustrações e narrativas que auxiliem na compreensão daquilo que está sendo explicado.

Por fim, os recursos de estimulação ou regulação sensorial são uma variedade de instrumentos e materiais que auxiliam na regulação dos estímulos que estão sendo recebidos, ou que a pessoa precisa receber. Podem variar de materiais como abafadores de ruídos, fones ou tampões de ouvido, a recursos como cobertores ponderados, *stim toys* (recursos sensoriais, como *tangle*, *fidget cube*, entre outros), mordedores sensoriais, entre muitos outros que possam estimular ou reduzir certos estímulos para qualquer um dos sentidos do corpo (Pereira, 2020).

Tendo em vista essas áreas comumente afetadas pelo TEA, uma das possíveis necessidades de adaptação do espaço estão relacionadas à sua estrutura física (Mostafa, 2022), que pode incluir: iluminação, o espaço disponível nos ambientes, recursos visuais, opções de alternativas a escadas, bem como todas as informações e os estímulos sensoriais a serem encontrados.

Dessa forma, a questão de pesquisa é: como os jovens e adultos autistas percebem a acessibilidade com relação à estrutura física dos ambientes socioeducativos que frequentam?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Identificar características dos ambientes físicos que podem melhor acomodar e promover a acessibilidade na percepção de jovens e adultos autistas.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Elencar as atuais barreiras percebidas por jovens e adultos autistas ao frequentar espaços socioeducativos;
- Conhecer as necessidades de adaptação requeridas quanto à estrutura física do espaço na percepção de jovens e adultos autistas.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 DEFINIÇÃO

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (APA, 2013), determina os critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista como: déficits persistentes na comunicação e interação social; padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades.

O DSM-5 (APA, 2013) classifica o TEA em 3 categorias, de acordo com o nível de suporte que o indivíduo requer para uma vida plena e saudável. Os níveis de suporte podem variar para um mesmo indivíduo ao longo de sua vida, de acordo com o apoio e acompanhamento que este recebe. São eles:

- Nível 1 de suporte: com apoio, consegue realizar diversas tarefas do dia a dia. Sem ele, enfrenta diversos desafios que causam prejuízos em sua vida. Não há presença de atrasos significativos no desenvolvimento cognitivo ou na fala.
- Nível 2 de suporte: com apoio, consegue realizar diversas tarefas do dia a dia, no entanto ainda apresenta dificuldades que causam prejuízo.
- Nível 3 de suporte: necessita de apoio muito substancial em suas tarefas, ainda apresentando dificuldades que lhe causam prejuízo significativo. Muitas vezes está associado a comorbidades como o Transtorno do Desenvolvimento Intelectual.

É importante notar que outras condições associadas, bem como o contexto particular do indivíduo, podem influenciar na vivência dele em diferentes espaços. A necessidade de um acompanhante, animal de serviço ou de suporte emocional, acessórios ou aparelhos de mobilidade, entre outros, também estão diretamente relacionados a essa vivência.

Em geral, essas características podem se apresentar de diversas formas, como indica o documento. Os *stims* são uma delas. A palavra é uma forma reduzida do inglês *self-stimulatory behavior* (comportamento para auto-estimulação), e é o termo adotado por grande parte da comunidade autista como substituto do termo clínico "estereotipia" (Pereira, 2020). Os *stims* se caracterizam como movimentos, sons e comportamentos repetitivos e sem objetivo aparente, mas que são uma forma de regulação sensorial ou emocional, expressividade e estímulo sensorial. Alguns

exemplos são: balançar o corpo, os braços ou as mãos; bater palmas, estalar os dedos ou fazer sons com a boca; olhar fixamente para objetos coloridos, brilhantes ou em movimento; pular, rodopiar, saltar; entre outros.

Outro traço presente é o hiperfoco (Pereira, 2020. APA, 2013), que se trata de um interesse restrito, com intensidade e foco atípicos. O indivíduo pode querer pesquisar sobre o assunto, trazer o tema a conversas mesmo quando não parecer relevante, colecionar itens, etc. Muitas vezes é a forma que a pessoa autista tem para se relacionar com o mundo e as pessoas.

As diferenças no processamento sensorial são outra característica muito observada no TEA, podendo se apresentar como hipo ou hipersensibilidade, mesmo para um único indivíduo. Isso afeta os sentidos do tato; olfato; visão; paladar; audição; propriocepção - a noção da posição do seu corpo e suas partes; interocepção - que é o sentido que nos permite perceber estímulos enviados pelo próprio corpo, como sensação de dor e necessidades fisiológicas; e sentido vestibular, relacionado ao equilíbrio (Carneiro, 2022). Sendo assim, o indivíduo pode buscar ou evitar estímulos, bem como apresentar dificuldades para reconhecer determinadas sensações, de modo a afetar sua vivência no dia a dia.

As pessoas autistas também podem apresentar atipicidade no seu desenvolvimento verbal. Para aqueles que não adquiriram a linguagem oral ou não conseguem usá-la de modo funcional, ou mesmo para estimular o desenvolvimento desta em crianças, um recurso essencial é a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), também encontrada pelo termo Comunicação Alternativa e Aumentativa. É um recurso que utiliza sistemas com figuras, palavras e/ou símbolos (Nunes, 2003), de acordo com as especificidades de seu usuário, e que pode ser de baixa ou alta tecnologia. Alguns exemplos de CAA são o método PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), pranchas de comunicação e *softwares* criados para este fim (Togashi, 2014).

## 2.2 ARQUITETURA SENSÍVEL

A literatura atual acerca do tema de acessibilidade trata principalmente de espaços escolares, tendo em vista a inclusão desses estudantes nesses ambientes. No que se trata da estrutura do espaço físico, uma proposta é a da arquitetura

sensível. Segundo Neumann, Miyashiro e Pereira (2021), o ambiente se manifesta de diversas formas através da arquitetura, como em cores, texturas, iluminação, acústica e temperatura, entre outros. Quando se pensa em uma arquitetura sensível à população autista, esses elementos devem estar mais claros e evidentes, de modo que o indivíduo possa identificar com mais facilidade qual é a conduta esperada no ambiente em questão.

Ainda segundo as autoras, essa arquitetura também deve levar em consideração as diferentes demandas de cada indivíduo. Uma forma de colocar isso em prática é por meio de espaços pensados com base em duas demandas diferentes para cada um dos sentidos: estimulação e tranquilidade (Neumann; Miyashiro; Pereira, 2021). Sendo assim, há opções para aqueles que necessitam de mais ou menos estímulos para determinado sentido. Isso se trata do Zoneamento Sensorial, parte da proposta da Dr<sup>a</sup>. Magda Mostafa, arquiteta egípcia, segundo sua Teoria do Design Sensorial, conforme seu guia de design ASPECTSS™ (*Acoustics, Spatial Sequencing, Escape Space, Compartmentalization, Transitions, Sensory Zoning, Safety*), acerca da arquitetura sensível para pessoas autistas (Mostafa, 2015). O nome ASPECTSS™ vem dos termos em inglês para os princípios nos quais ele foi baseado: acústica, sequenciamento espacial, espaço de fuga, compartimentalização, transições, zoneamento sensorial e segurança.

Nesta mesma proposta da divisão do espaço com base em suas características sensoriais, Mostafa (2015) também propõe um espaço de escape, no qual o indivíduo possa se regular, sendo este um ambiente de neutralidade com relação aos estímulos sensoriais. Espaços baseados nessa proposta já podem ser encontrados no Brasil. Um exemplo é a Sala de Acomodação Sensorial no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, que está disponível para autistas de todas as idades e demais neurodivergentes (indivíduos cuja estrutura cerebral seja atípica de alguma forma, como é o caso de autismo e tdah, por exemplo) que possam necessitar deste espaço (Canal Autismo, 2023).

Outras estratégias de adaptação segundo Mostafa (2015) e defendidas por outros autores, como Castro e Ferreira (2022), são a organização do espaço em compartimentos com suas funções e características sensoriais bem definidas, zonas de transição entre os diferentes espaços e suas funções, acústica, sequenciamento espacial e mecanismos pensados quanto à segurança dos indivíduos. No que se trata

de acústica, Mostafa (2015) propõe uma estrutura que possa isolar o som externo, reduzindo os ruídos e o eco. Isso pode ser feito tendo em mente a função do espaço, projetando espaços de menor estímulo sonoro quando atividades que exigem maior concentração são esperadas. Diferentes níveis de isolamento de som podem criar zonas de transição, gradualmente mudando de uma área de maior isolamento acústico para uma com mais estímulos auditivos.

O sequenciamento espacial, por sua vez, ainda segundo o guia ASPECTSS™ (Mostafa, 2015), segue a ideia de rotina, muito importante para o indivíduo autista, sendo a necessidade de segui-la apresentada de diferentes formas e em diferentes intensidades de acordo com cada pessoa. Sendo assim, esse sequenciamento parte da ideia de previsibilidade, ou seja, propõe que cada ambiente seja pensado de acordo com suas funções e expectativas de conduta, de modo que fique evidente o que é esperado deste local. A disposição dos diferentes espaços deve seguir uma sequência lógica de acordo com a ordem a ser seguida.

Essas propostas podem ser aplicadas a espaços voltados para crianças, como sugerem Castro e Ferreira (2022), bem como jovens e adultos. Tendo em vista o público de idade adulta, é importante salientar que seus contextos afetam os locais que estes frequentam e de que maneira - por exemplo, alguns indivíduos podem frequentar determinados espaços sozinhos, enquanto outros necessitam de um acompanhante, como sugerem os níveis de suporte do DSM-5 (APA, 2013).

No que se trata de instituições do ensino superior, o que a literatura traz é sobre a invisibilidade da comunidade autista nesses espaços (Aguilar; Rauli, 2020). Pesquisas apontam que grande parte desses alunos enfrentam dificuldades no ensino superior relacionadas à falta de acessibilidade do prédio, falta de conhecimento e sensibilidade com relação ao TEA por parte de professores e colegas, bem como a falta de recursos de acessibilidade no âmbito acadêmico (Olivati; Leite, 2019; Silva; Moreira, 2022).

Baseando-se em sua proposta ASPECTSS™, Mostafa (2021) também apresenta um guia para o design de uma universidade acessível a pessoas autistas, inicialmente criado para a Dublin City University. O design propõe o uso dos itens listados no guia ASPECTSS™, além de incluir aspectos como a comida servida no local, os cheiros do ambiente, os materiais e cores utilizados, entre outros aspectos. Este material, como sugere a autora, pode ser um guia para adaptações de outros

espaços, como demais ambientes educacionais, espaços públicos, ambientes de trabalho, áreas residenciais, entre outros.

Um ponto de destaque a ser levado em consideração no que diz respeito às adaptações para acessibilidade é que esta seja feita em consulta com a população a ser atendida, de modo que estes indivíduos sejam os protagonistas e tenham suas vozes ouvidas (Mostafa, 2021).

### **3 MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa foi realizada de forma quantitativa e transversal, com dados coletados através do questionário criado na plataforma KoboToolBox. O questionário foi disponibilizado a autistas adultos membros do Coletivo Stim, o coletivo autista da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

#### **3.1 INSTRUMENTOS**

O questionário disponibilizado para a pesquisa foi feito através da plataforma KoboToolBox. Trata-se de uma plataforma online que proporciona ferramentas para a criação de instrumentos para coleta de dados, bem como o acompanhamento e a avaliação dos resultados obtidos.

O questionário foi dividido em três partes: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), perfil sociodemográfico, e experiências do participante em ambientes socioeducativos. O formulário consistiu em 14 questões, sendo 8 delas voltada para a definição do perfil sociodemográfico de cada participante. As demais 6 questões tratavam da temática geral das possibilidades de adaptações da estrutura física de determinados ambientes, com base nas necessidades e experiências prévias dos participantes. As questões foram estruturadas como múltipla escolha, sendo somente 5 delas perguntas abertas.

A primeira etapa do questionário foi voltada aos dados sociodemográficos dos participantes. Foram feitas perguntas sobre a idade, identidade de gênero, etnia, se trabalha e/ou estuda, ocupação, nível de escolaridade, local de trabalho e o tipo de instituição de ensino frequentada. Isso foi feito através de questões de múltipla escolha, com perguntas mais específicas como local de trabalho, ocupação e o tipo

de instituição de ensino que frequenta feitas de acordo com as respostas anteriores, conforme Apêndice 2.

Após essa primeira parte, foram apresentadas as perguntas acerca das experiências do indivíduo com relação às adaptações do espaço físico. Inicialmente, foi perguntado, por meio de caixas de seleção, os ambientes socioeducativos frequentados pela pessoa: universidade, ambientes clínicos, ambientes hospitalares, parques, shoppings, hotéis, espaços culturais, ambientes esportivos, ambientes de trabalho e transporte público. Em seguida, foi feita uma questão sobre a experiência dos indivíduos quanto a desconfortos causados pela falta de adaptação da estrutura física dos locais selecionados na pergunta anterior. Aqueles que responderam que já passaram por tais situações também tiveram uma pergunta aberta para especificá-las, conforme o Apêndice 3.

Em seguida, o questionário abordou possibilidades de adaptações desses ambientes, através de caixas de seleção com as seguintes sugestões: substituição de lâmpadas fluorescentes, disponibilidade de uma sala de acomodação sensorial, possibilidade de luz reduzida, espaço para livre movimento, sinalização dos estímulos sensoriais do ambiente, área reservada, possibilidade de sentar no chão, presença de pistas visuais e de sinalização de direções. A questão seguinte foi aberta, sendo um espaço para outras sugestões de adaptação. O questionário foi encerrado com outra questão aberta, dando espaço para o indivíduo compartilhar suas considerações acerca do tema.

### 3.2 LOCAL

A pesquisa ocorreu em ambiente virtual, por meio do questionário disponibilizado online via redes sociais a integrantes do Coletivo Stim da UFPR.

### 3.3 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram ao todo 18 autistas membros do Coletivo Stim, com idades entre 17 a 58 anos. Dentre eles, 61.11% se identificam como mulheres, 33.33% como homens e 5.56% como não-binários. Com relação a etnias, 88.89% dos participantes são brancos, e 11.11% são amarelos.

Como a pesquisa foi realizada com membros do coletivo de uma universidade, grande parte dos participantes possuem escolaridade a nível de Ensino Superior, sendo este número equivalente a 55.56% do total. Além destes, 33.33% possuem Ensino Superior Incompleto, 5.56% a nível de Ensino Médio, e outros 5.56% a nível de Ensino Fundamental. No total, 38.89% dos participantes estudam e trabalham, 22.22% somente estuda, 22.22% somente trabalha, 5.56% não realiza nenhuma destas atividades, e 11.11% assinalaram a opção “outro”, esclarecendo que realizam trabalhos informais ou autônomos. Entre os que estudam, ou estudam e trabalham, 50% frequenta uma universidade pública, e 11.11% frequentam uma instituição privada.

Dentre aqueles que responderam estar atualmente trabalhando ou estudando e trabalhando, dois são autônomos, dois são servidores públicos, dois são da área da psicologia, além de um professor, um auxiliar administrativo, um engenheiro mecânico, um designer gráfico e um estagiário. Com relação ao ambiente de trabalho, três trabalham em *home office*, três trabalham em ambientes clínicos ou hospitalares, um trabalha em comércio e outro em ambiente escolar. Os dados detalhados de cada participante podem ser observados na TABELA 1.

TABELA 1 - PARTICIPANTES

	Idade	Identidade de Gênero	Etnia	Escolaridade	Estuda ou Trabalha	Ocupação	Local de Trabalho	Instituição de Ensino
P1	23	Não binário	Amarelo	Ensino Superior	Estudo e trabalho	Psicólogo	Home Office	Universidade pública
P2	42	Mulher	Branco	Ensino Superior	Estudo e trabalho	Autônoma	Consultório	Universidade pública
P3	17	Mulher	Branco	Ensino Superior incompleto	Estudo			Universidade pública
P4	24	Mulher	Branco	Ensino Superior incompleto	Estudo			Universidade pública
P5	27	Homem	Branco	Ensino Superior	Trabalho	Auxiliar Administrativo	Loja de Embalagens	
P6	55	Mulher	Branco	Ensino Superior	Outro	Autônoma		
P7	57	Homem	Branco	Ensino Superior	Trabalho	Neuropsicólogo	Centro médico	

P8	43	Homem	Branco	Ensino Superior incompleto	Estudo e trabalho	Servidor público federal	Hospital	Universidade pública
P9	26	Homem	Branco	Ensino Superior	Estudo			Universidade pública
P10	50	Homem	Branco	Ensino Superior	Trabalho	Engenheiro Mecânico	Em casa	
P11	27	Mulher	Branco	Ensino Superior incompleto	Estudo e trabalho	Designer gráfico	home office	Universidade pública
P12	33	Mulher	Branco	Ensino Superior	Estudo e trabalho	Biologa, professora e estudante medicina veterinária	Escola	Universidade particular
P13	44	Mulher	Amarelo	Ensino Médio	Não estudo e não trabalho			
P14	58	Mulher	Branco	Ensino Superior	Trabalho	Dona de casa		
P15	18	Mulher	Branco	Ensino Superior incompleto	Estudo			Universidade particular
P16	35	Mulher	Branco	Ensino Superior	Estudo e trabalho	Servidora pública		Universidade pública
P17	24	Mulher	Branco	Ensino Superior incompleto	Estudo e trabalho	Estudante e estagiária		Universidade pública
P18	22	Homem	Branco	Ensino fundamental	Outro	Trabalho com o que posso, mas é trabalho informal		

FONTE: O autor (2023).

Os participantes da pesquisa são membros do Coletivo Stim. Este se trata de uma iniciativa de estudantes e professores da UFPR, validada como projeto de extensão da instituição. É um movimento autista, que promove eventos abertos à comunidade acadêmica e externa sobre questões voltadas ao TEA, como os direitos dos autistas, diversidade de gênero e étnico-racial, diagnóstico tardio, acessibilidade,

entre outros. São também realizados eventos voltados à comunidade autista, como rodas de conversa, mostras culturais, apoio e orientações.

### 3.4 PROCEDIMENTOS

Os participantes receberam o link para o questionário por meio das redes sociais, podendo então escolher participar ou não da pesquisa. O instrumento ficou disponível por um período de 28 dias, de 22 de agosto de 2023 a 18 de setembro de 2023.

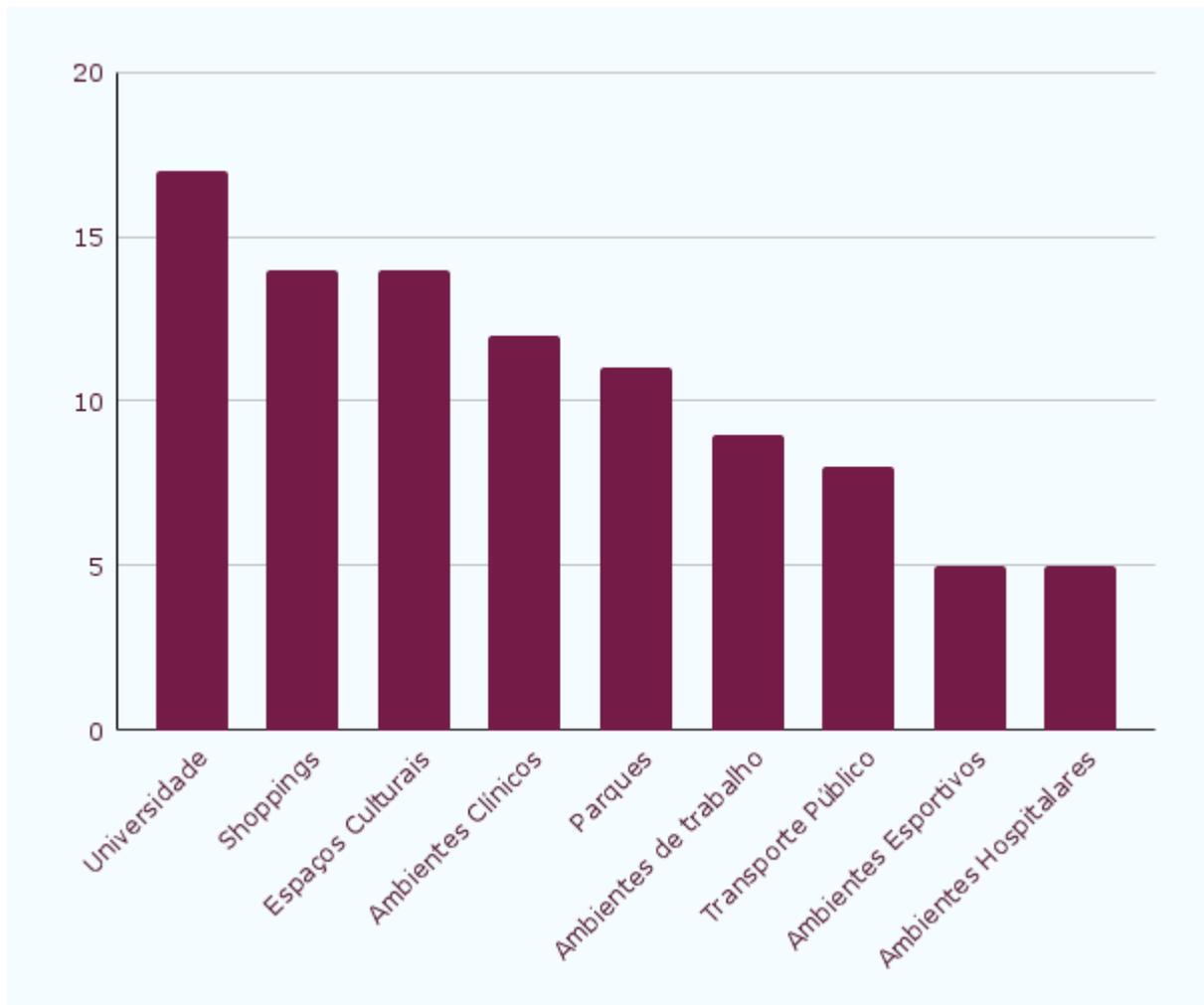
### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi feita de modo quantitativo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pergunta inicial do questionário diretamente relacionada aos aspectos de acessibilidade foi feita para identificar os espaços socioeducativos frequentados pelos participantes. Era possível assinalar mais de uma opção como resposta, de acordo com suas realidades. Podemos observar os resultados no GRÁFICO 1.

GRÁFICO 1 - LOCAIS FREQUENTADOS

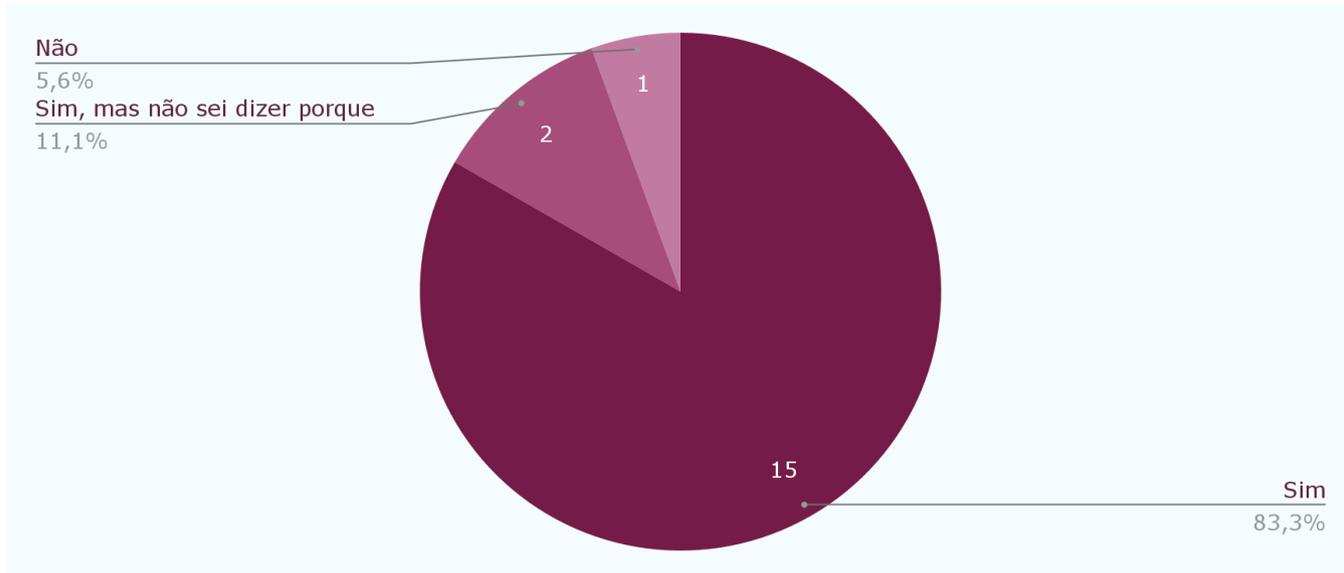


FONTE: O autor (2023).

Como pode-se observar, 17 dos 18 participantes disseram frequentar uma universidade, 14 frequentam shoppings e 14 frequentam espaços culturais. Ambientes clínicos também são frequentados por grande parte dos participantes, sendo 12 deles no total. Com relação aos ambientes de trabalho, 9 participantes disseram frequentá-los, 8 frequentam o transporte público, 5 frequentam ambientes esportivos, e 5 frequentam ambientes hospitalares. Assim, pode-se notar o número significativo de jovens e adultos autistas frequentando o ensino superior, como indicam os dados do INEP (2023).

Com base na questão anterior, os participantes também relataram suas experiências com relação a sentimentos de desconforto nesses espaços, no que diz respeito à sua estrutura física. Os resultados se encontram no GRÁFICO 2.

GRÁFICO 2 - SITUAÇÕES DE DESCONFORTO

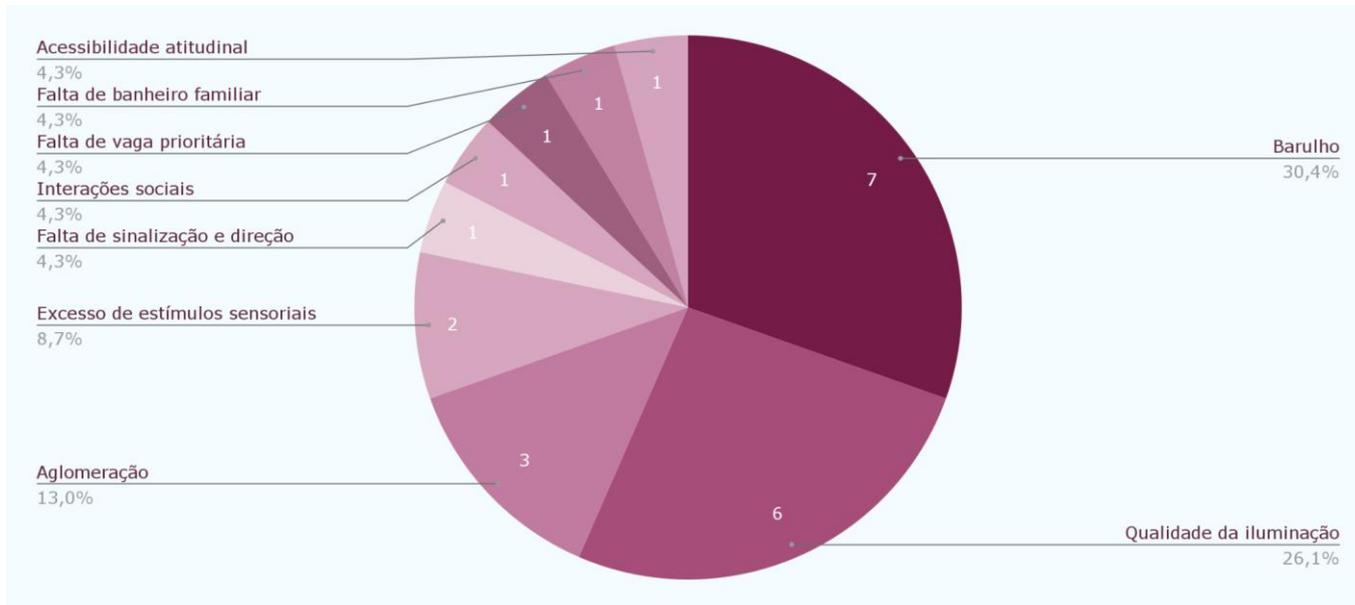


FONTE: O autor (2023).

Entre os 18 participantes no total, 15 relataram já ter sentido desconforto em um dos espaços apresentados, por conta de sua estrutura física. Outros 2 assinalaram a opção “Já passei por algum desconforto, mas não sei dizer porque” e somente 1 participante relatou não ter passado por nenhum desconforto no que diz respeito à estrutura física desses espaços.

Aqueles que responderam “Sim” ou “Já passei por algum desconforto, mas não sei dizer porque”, um total de 17 participantes, especificaram essas experiências por meio de uma pergunta aberta. Os dados foram categorizados e, por se tratar de uma pergunta aberta, cada participante pode ter respostas em mais de uma categoria, como vemos no GRÁFICO 3.

GRÁFICO 3 - MOTIVOS DO DESCONFORTO

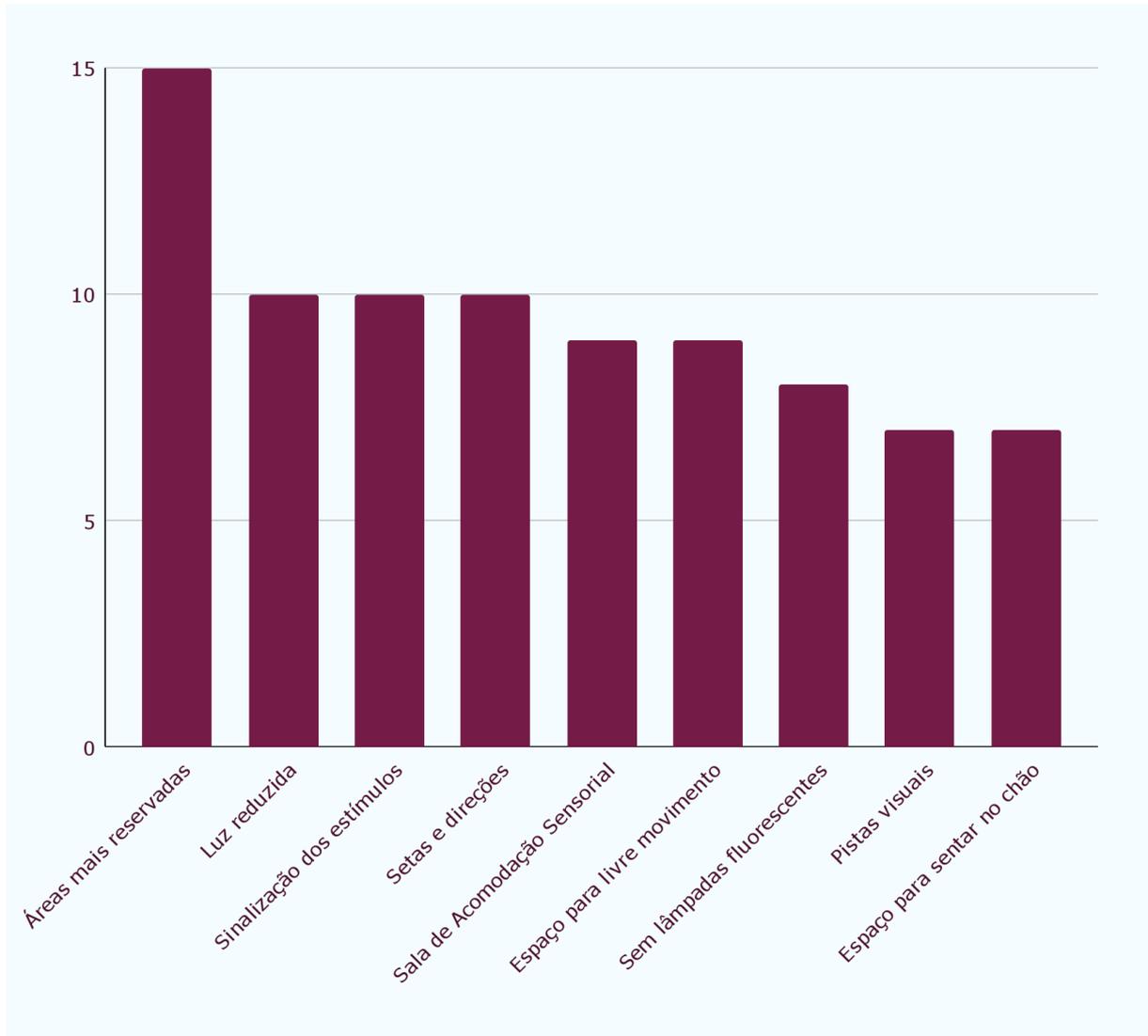


FONTE: O autor (2023).

A partir dos dados coletados nesta pergunta aberta, pode-se notar que as maiores causas do desconforto pelos quais os participantes já passaram estão relacionadas ao barulho, segundo 7 participantes, e à qualidade da iluminação, mencionada por 6 participantes. Segundo 3 participantes, outra fonte de desconforto é a aglomeração, e 2 participantes também mencionaram o excesso de estímulos sensoriais. Outros motivos relatados por 1 participante cada, foram a falta de acessibilidade atitudinal, falta de banheiro familiar para aqueles que são cuidadores ou que necessitam de um, falta de vaga prioritária, a imposição de interações sociais, e a falta de sinalização e direção. Isso é evidenciado na pesquisa de Aguilar e Rauli (2020), na qual os estudantes entrevistados relatam os estímulos sensoriais como um obstáculo no acesso e permanência do ambiente universitário. Estudantes da Dublin City University, segundo a pesquisa de Mostafa (2021), também apontam a aglomeração de pessoas, excesso de estímulos sensoriais, falta ou má qualidade de sinalizações e barreiras atitudinais como adversidades.

Com base em suas experiências, os participantes também responderam à questão sobre quais adaptações da estrutura física dos ambientes em questão poderiam tornar esses espaços mais acessíveis a eles. Cada participante poderia assinalar mais de uma alternativa. Os resultados se encontram no GRÁFICO 4.

GRÁFICO 4 - ADAPTAÇÕES



FONTE: O autor (2023).

Do total de 18 participantes, 15 disseram que a opção de áreas mais reservadas poderia melhorar as condições de acessibilidade do local. Luz reduzida, sinalização dos estímulos sensoriais, e setas e direções foram outras opções assinaladas por grande parte dos participantes, sendo marcadas por 10 cada. A sala de acomodação sensorial e o espaço para livre movimento, por sua vez, foram assinaladas por 9 participantes cada. Outros 8 participantes assinalaram a opção da substituição de lâmpadas fluorescentes, 7 selecionaram pistas visuais, e 7 marcaram a opção de espaço para sentar no chão. As opções de salas mais reservadas, luzes

reduzidas e salas de acomodação sensorial corroboram o argumento de Aguilar e Rauli (2020), bem como as propostas de Mostafa (2015) em seu guia ASPECTSS™ para um espaço de fuga e o zoneamento sensorial.

Os dados obtidos por meio do questionário reforçam a proposta de adaptações do ambiente segundo Mostafa (2015), baseadas no zoneamento sensorial, acústica, sequenciamento espacial, espaço de fuga, compartimentalização, transições e segurança, de modo a reduzir as situações de desconforto enfrentadas por esses indivíduos, conforme relatado pelos participantes. Também percebe-se a presença desses conceitos nos argumentos de Doherty, McCowan e Shaw (2023), que destacam a importância de se pensar na acessibilidade dos ambientes a partir das necessidades sensoriais, previsibilidade, aceitação, comunicação e empatia.

As orientações dadas por Mostafa (2022) com base nos relatos de estudantes da Dublin City University também validam as experiências relatadas no questionário, destacando as demandas relacionadas aos estímulos sensoriais presentes no ambiente, como a iluminação e a acústica. Neste aspecto sensorial, destaca-se também as diferenças entre cada indivíduo autista (Rasmussen; Silva; Neix, 2021), uma vez que no aspecto sensorial pode haver necessidade de buscar ou evitar determinados estímulos (Carneiro, 2022).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho atingiu seus objetivos uma vez que, mesmo que em pequena escala, revela a presença deste público em ambientes sócio educativos. Um dos méritos da pesquisa está no fato de oportunizar um espaço de escuta e manifestação sobre condições muitas vezes negligenciadas pela sociedade em geral, como é o caso de aspectos da acessibilidade à população autista.

Dentre os resultados temos como destaque a consonância com estudos internacionais que evidenciam que estímulos sensoriais podem ser obstáculos no acesso e permanência do ambiente universitário e sócio educativos.

Como pesquisadora, esse trabalho me proporcionou novas oportunidades de aprendizado com relação aos processos abrangidos por pesquisas em suas diferentes formas, bem como a troca de conhecimentos e o contato com as experiências de demais autistas adultos.

## 5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Para estudos futuros, recomenda-se cuidados com a divulgação para que a população pesquisada seja maior e mais diversificada, de modo a obter dados relacionados a diferentes contextos e experiências.

Sugere-se que próximos estudos explorem a acessibilidade de pessoas autistas na perspectiva daqueles com maior nível de suporte, a diferença entre as experiências de pessoas com diagnóstico precoce e diagnóstico tardio, bem como a relação entre acessibilidade e questões étnico-raciais, socioeconômicas e de gênero.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, C. P. C.; RAULI, P. F. Desafios da inclusão: a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 33, p. e43/ 1–26, 2020. DOI: 10.5902/1984686X44082. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/44082>. Acesso em: 18 set. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5** (5. Ed.) Porto Alegre: Artmed. 2014.

BRASIL. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em 2 ago. 2023.

CANAL AUTISMO. **Museu em Curitiba cria sala sensorial para neurodivergentes**. 2023. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/museu-em-curitiba-cria-sala-sensorial-para-neurodivergentes/>. Acesso em: 15 set. 2023.

CARNEIRO, Fernanda. Integração Sensorial de Ayres em crianças com Transtorno do Espectro Autista. In: KERCHES, Deborah (ed.). **Autismo ao longo da vida**. São Paulo: Literare Books International, 2022. p. 83-90.

CASTRO, M. R. de; FERREIRA, K. P. M. Ambientes físicos inclusivos a crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 35, p. e15/1–19, 2022. DOI: 10.5902/1984686X68331. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/68331>. Acesso em: 2 ago. 2023.

DOHERTY, Mary; MCCOWAN, Sue; SHAW, Sebastian Ck. Autistic SPACE: a novel framework for meeting the needs of autistic people in healthcare settings. *British Journal Of Hospital Medicine*, [S.L.], v. 84, n. 4, p. 1-9, 2 abr. 2023. Mark Allen Group. <http://dx.doi.org/10.12968/hmed.2023.0006>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/370074335\\_Autistic\\_SPACE\\_a\\_novel\\_framework\\_for\\_meeting\\_the\\_needs\\_of\\_autistic\\_people\\_in\\_healthcare\\_settings](https://www.researchgate.net/publication/370074335_Autistic_SPACE_a_novel_framework_for_meeting_the_needs_of_autistic_people_in_healthcare_settings). Acesso em: 03 nov. 2023.

FOMBONNE, Eric. Epidemiology of Pervasive Developmental Disorders. *Pediatric Research*, [S.L.], v. 65, n. 6, p. 591-598, jun. 2009. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1203/pdr.0b013e31819e7203>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/pr2009131#Sec16>. Acesso em: 18 out. 2023.

GONÇALVES, Hugo Miguel. Linguagem e percepção visual como meio de comunicação em crianças com perturbações do espectro de autismo. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design Gráfico, Escola Superior Artes e Design, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, 2017. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/2866>. Acesso em: 31 out. 2023.

GRAY, Carol. Social "Reading"? **The Morning News**. Jenison, Michigan, set.-out. 1990. Disponível em: <https://carolgraysocialstories.com/wp-content/uploads/2015/10/From-Canada-to-Mexico-Welcome-to-New-and-Past-Subscribers.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

GRAY, Carol. **Carol Gray Social Stories**, 2023. Social Stories. Disponível em: <https://carolgraysocialstories.com/social-stories/what-is-it/>. Acesso em: 19 out. 2023.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep <https://www.gov.br/inep/pt-br> Acesso em 22 nov. 2023.

MOSTAFA, Magda. The Autism ASPECTSS Design Index. 2015. Disponível em: <https://www.autism.archi/aspectss>. Acesso em 17 ago. 2023.

MOSTAFA, Magda. **The Autism Friendly University Design Guide**. 2021. Disponível em: [https://issuu.com/magdamostafa/docs/the\\_autism\\_friendly\\_design\\_guide](https://issuu.com/magdamostafa/docs/the_autism_friendly_design_guide). Acesso em: 3 nov. 2023.

MOSTAFA, Magda. **Autism Design and an Architecture for All: designing for a differently abled world**. Designing for a Differently Abled World. 2022. Disponível em: <https://www.autism.archi/single-post/autism-design-and-an-architecture-for-all-designing-for-a-differently-abled-world>. Acesso em: 3 nov. 2023.

NATIONAL AUTISTIC SOCIETY. Communication tools. **Autism**, 2020. Disponível em: <https://www.autism.org.uk/advice-and-guidance/topics/communication/communication-tools/visual-supports>. Acesso em: 30 out. 2023.

NEUMANN, Helena Rodi; MIYASHIRO, Larissa Akemi Silva; PEREIRA, Larissa Victorino. Arquitetura Sensível ao Autista: quais diretrizes de projeto adotar?. **Estudos em Design**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 60-77, 29 jul. 2021. Estudos em Design. <http://dx.doi.org/10.35522/eed.v29i2.1210>. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/1210>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NUNES, L. R (2003). Linguagem e Comunicação Alternativa: Uma introdução. Em L.R. Nunes (Org), Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidade educacionais especiais (pp. 1-13). Rio de Janeiro: Dunya. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos\\_edespecial/linguagem\\_comunicacao\\_alternativa.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/linguagem_comunicacao_alternativa.pdf). Acesso em 02 nov. 2023.

OLIVATI, Ana Gabriela; LEITE, Lucia Pereira. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma análise interpretativa dos relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S.L.], v. 25, n. 4, p. 729-746, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382519000400012>.

PEREIRA, Anne Karolyne Mendes. D'Stim: framework para o desenvolvimento de produtos únicos para adultos autistas com transtorno de processamento sensorial. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Design, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: [http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/39725/1/2020\\_AnneKarolyneMendesPereira.pdf](http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/39725/1/2020_AnneKarolyneMendesPereira.pdf). Acesso em: 03 nov. 2023.

RASMUSSEN, Fernanda de Souza Machado; SILVA, Rosemeire da Costa; NEIX, Carine da Silva Vieira. O ensino e a atividade estruturada para a aprendizagem de pessoas com transtorno do espectro autista. *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 30, n. 31, p. 101-112, dez. 2021. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542021000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542021000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 03 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.37388/CP2021/v30n31a08>.

SILVA, V. C.; MOREIRA, L. C. O estudante com Transtorno do Espectro Autista nas universidades brasileiras. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 35, p. e16/1–25, 2022. DOI: 10.5902/1984686X68655. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/68655>. Acesso em: 18 set. 2023.

TOGASHI, Cláudia Miharú. A Comunicação Alternativa e Ampliada e suas contribuições para o processo de inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo com distúrbios na comunicação.. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10644>. Acesso em 10 nov. 2023.

## **APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada **ADAPTAÇÕES DA ESTRUTURA FÍSICA DE ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS PARA ADULTOS AUTISTAS** tem como objetivo identificar as atuais barreiras enfrentadas por adultos autistas ao frequentar espaços socioeducativos para, a partir destas demandas, verificar quais as necessidades de adaptação requeridas quanto à estrutura física do espaço. Esta ocorrerá online, por meio do questionário a ser disponibilizado.

Para o estudo você será convidado/a a preencher o presente formulário, consistido por duas etapas. (a duração de cada etapa será em média de dois minutos). Sua identidade não será coletada e permanecerá anônima.

Possibilidade de ocorrência do risco **BAIXA**. É possível que você experimente algum desconforto **MÍNIMO**, principalmente relacionado ao cansaço devido ao uso de tela e preenchimento do questionário online. É possível, também, que experimente desconforto **MÍNIMO** relacionado às questões do questionário que tratam de dificuldades que você tenha vivenciado. Caso o desconforto seja muito grande para você, poderá se retirar da pesquisa sem nenhum prejuízo ou necessidade de explicação.

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do (s) pesquisador (es) responsável (is) (Resol. 466/2012 e 510/2016).

**Sigilo e privacidade:** Você tem a garantia de que sua identidade não será obtida pela pesquisa e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores.

A sua participação neste estudo é voluntária, sem nenhum custo financeiro e se (o Senhor, a Senhora) não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido assinado. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Camila Machado (camila.machado9899@gmail.com) ou Profa. Dra. Maria de Fatima Joaquim Minetto (faminetto@gmail.com).

**Consentimento livre e esclarecido: Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas informo que:**

- Li e concordo com os termos acima.
- Li e não concordo com os termos acima.

## APÊNDICE 2 – INSTRUMENTO DE PESQUISA: DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

**Qual a sua idade?** \_\_\_\_\_.

**Qual a sua identidade de gênero?**

- Homem                       Não binário  
 Mulher                       Outro. Especifique: \_\_\_\_\_.

**Qual a sua etnia?**

- Branco                       Amarelo                       Indígena  
 Negro                       Outro. Especifique: \_\_\_\_\_.

**Qual a sua escolaridade?**

- Sem educação formal                       Ensino superior  
 Ensino fundamental                       Ensino superior incompleto  
 Ensino médio                       Curso técnico/profissionalizante

**Atualmente, você estuda ou trabalha?**

- Estudo                       Não estudo e não trabalho  
 Trabalho                       Outro. Especifique: \_\_\_\_\_.  
 Estudo e trabalho

**Qual a sua ocupação?** \_\_\_\_\_.

**Qual é o seu local de trabalho?** \_\_\_\_\_.

Por exemplo: escola, hospital, escritório, home office, etc.

**Qual tipo de instituição de ensino você frequenta?**

- Escola pública                       Universidade pública  
 Escola particular                       Universidade particular

### **APÊNDICE 3 – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ADAPTAÇÕES DO ESPAÇO FÍSICO**

**Quais desses espaços você costuma frequentar?**

Selecione todas as opções que se aplicam.

- ( ) Universidade                      ( ) Ambientes clínicos      ( ) Ambientes hospitalares  
 ( ) Ambientes hospitalares      ( ) Parques                      ( ) Hotéis  
 ( ) Shopping                              ( ) Espaço de trabalho      ( ) Transporte público  
 ( ) Espaços culturais (por exemplo: cinema, teatro, museu, biblioteca, etc)  
 ( ) Ambientes esportivos (por exemplo: estádios de futebol, ginásios poliesportivos, clubes)

**Com relação à estrutura física, você já passou por algum desconforto em algum desses ambientes?**

Ex.: iluminação, circulação e direcionamento, acesso.

- ( ) Sim. Especifique: \_\_\_\_\_                                      ( ) Não  
 ( ) Me sinto desconfortável em algumas situações mas não sei dizer porque  
 Especifique: \_\_\_\_\_.

**Quais desses recursos tornariam esses ambientes mais acessíveis para você?**

- ( ) Substituição de luzes fluorescentes  
 ( ) Sala sensorial de fácil acesso  
 ( ) Possibilidade de luz reduzida  
 ( ) Espaço para livre movimento (por exemplo: nas salas de aula ou salas de espera)  
 ( ) Sinalização dos estímulos sensoriais presentes no ambiente  
 ( ) Possibilidade de áreas mais reservadas  
 ( ) Possibilidade de sentar no chão  
 ( ) Pistas visuais (por exemplo: passo a passo, narrativa social, vídeo-modelação)  
 ( ) Sinalização das direções (por exemplo: placas, setas, etc)

**Você tem alguma sugestão de outros recursos ou adaptações? \_\_\_\_\_.**

**Você tem alguma consideração sobre o assunto para compartilhar?**

\_\_\_\_\_.